

A CRISE DESAFIO A UMA MUDANÇA

Assim é possível relançar o desenvolvimento do País, apostando nos “eus” em acção – pessoas e comunidades –, e reconhecendo o papel decisivo da educação, da qual depende o futuro de um povo. E a educação não diz respeito apenas aos jovens, mas a todos.

Eis alguns instrumentos que podem favorecer a retoma:

- defender a vida em todos os momentos e aspectos, promovendo a família e a natalidade, combatendo assim a desertificação do país, a perda de emprego no sistema de educação, o encerramento de serviços de saúde ou a diminuição do consumo e da actividade económica em virtude da diminuição da população.
- investir num sistema de ensino e de formação profissional feito de escolas estatais e privadas, e de universidades competitivas entre si na didáctica e na investigação, valorizando o mérito dos estudantes e dos professores desde o recrutamento aos progressos de carreira, tendo em conta o princípio da subsidiariedade e da livre escolha.
- ajudar selectivamente as empresas que investem, criam emprego e exportam, eliminando estratégias e práticas de clientelismo que não produzem qualquer desenvolvimento. Estabelecer alianças – rumo a um bem-estar social subsidiário – com as famílias, os agentes de apoio aos mais pobres, de educação; e ainda, promover a integração do terceiro sector (de solidariedade civil com utilidade pública) com os sectores estatais e lucrativos.
- defender o meio ambiente, degradado e destruído por todo o tipo de especulações, de forma a criar uma plataforma de confiança com a qual se possa atingir um desenvolvimento responsável.
- favorecer a renovação do financiamento público, criando um modelo conforme com as necessidades do país, favorecendo a subsidiariedade fiscal, permitindo, como nos 5/1000 do IRS, que seja a sociedade a financiar directamente as actividades das organizações sociais e educativas, evitando as despesas e desperdícios da máquina administrativa, sempre mais lenta a responder às questões de base.

É ao nível destas preocupações que se coloca o contributo de cada um na vida social, como afirma o Papa Bento XVI na sua encíclica *Caritas in Veritate*: “Na realidade, as instituições sozinhas não bastam, porque o desenvolvimento humano integral é primariamente vocação e, por conseguinte, exige uma livre e solidária assunção de responsabilidade por parte de todos”, dando-nos uma chave para a solução: “A esperança constitui um poderoso recurso social ao serviço do desenvolvimento humano integral, procurado na liberdade e na justiça”.

“Uma comunidade cristã autêntica vive em constante relação com os demais homens, cujas necessidades partilha totalmente e juntamente com os quais sente os problemas. Pela profunda experiência fraterna que nela se desenvolve, a comunidade cristã não pode deixar de tender a ter uma sua própria ideia e um seu próprio método de enfrentar os problemas comuns, quer práticos quer teóricos, e de os oferecer a todo o resto da sociedade em que se situa como sua forma de colaboração específica” (don Giussani).

É na perspectiva delineada por don Giussani que se coloca este contributo de Comunhão e Libertação, que oferecemos a todos para um diálogo que favoreça uma retoma do nosso País.

A crise é um dado

Quer queiramos quer não, a crise existe. E está a mudar as condições de vida de milhões de pessoas, em muitos países, e seguramente também em Portugal: há mais pobres, há cada vez mais empresas a fechar, arriscamo-nos a ficar ainda mais à margem do desenvolvimento mundial, a sermos despromovidos a país de segunda categoria.

A crise está a provocar reacções distintas, frequentemente dominadas pelo predomínio de duas tendências opostas:

- suportar a crise: julgando que a exorcizamos e a ultrapassamos atirando as culpas a alguém (que seguramente existe e tem mais responsabilidades que os outros). Mas, fazendo assim, não se produz qualquer mudança a não ser aumentar a lamentação, o que pode culminar no desespero.
- ignorar a crise: depois de a termos provocado, continuamos a comportar-nos como se nada tivesse acontecido sem nos colocarmos minimamente em questão.

A realidade é positiva porque põe a pessoa em movimento

É irracional pensar que basta sermos contra alguém para derrotarmos a crise. Pior ainda é negarmos a sua existência. É o contrário daquela tradição judaico-cristã pela qual a realidade é entendida como sendo positiva em última instância, mesmo quando apresenta um carácter negativo e contraditório. Com efeito, a realidade está sempre a pôr-nos em movimento, provocando-nos a tomar posição diante daquilo que acontece.

Foi esta consciência que construiu a história milenária do Ocidente. E, rompendo com dualismos e maniqueísmos (nos quais o mal está sempre de um lado e o bem do outro), permitiu construir o próprio futuro aceitando os desafios da realidade, respondendo a eles com inteligência, criatividade e capacidade de sacrifício.

Como disse Bento XVI, “um progresso por adição só é possível no campo material. [...] Mas, no âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do ser humano é sempre nova e deve sempre de novo tomar as suas decisões. Nunca aparecem simplesmente já tomadas em nossa vez por outros – neste caso, de facto, deixaríamos de ser livres. A liberdade pressupõe que, nas decisões fundamentais, cada pessoa, cada geração seja um novo início” (*Spe salvi*, 24).

É esta a razão pela qual o Papa, apesar de reconhecer o mal-estar e a desorientação que faz com que nos movamos de maneira solitária e com que tenhamos opções de vida cada vez mais frágeis, não pôde evitar lançar um apelo: “Queridos jovens, não tenhais medo de enfrentar estes desafios! Não percais nunca a esperança.” (Ancona, 11 de setembro de 2011).

É um convite a encarar a crise como oportunidade: com efeito, ela faz com que nos demos conta do valor das coisas nas quais só pensamos quando nos faltam, como por exemplo, a família, a educação, o trabalho.

Em primeiro lugar, há que ser leais e admitir que as ideologias não são resposta, que o estatismo só nos faz afundar em dívidas, e que o sistema financeiro não salva o homem e só faz crescer o número dos *indignados*, sinal de uma exigência tão positiva (de que os desejos e necessidades concretas das pessoas não sejam continuamente excluídas do debate público) quanto inconsistente.

Em segundo lugar, é preciso reconhecer que na situação actual há sinais de uma mudança positiva.

Alguns exemplos

Há pessoas que não se deixam arrastar pelo fluxo das coisas, mas remam contra a maré mesmo à custa de sacrifícios. Justamente no meio de uma das crises mais graves da nossa história, existem factos virtuosos, pessoas que se puseram em acção sem esperar que os outros – sempre outros – resolvam os problemas. Não podendo mudar tudo de repente, começaram a mudar-se a eles próprios. Há gente que enfrenta a realidade sem se desculpar com as dificuldades, e que põe mãos à obra sem renegar ou esquecer nada.

- Muitas famílias, que podiam submergir diante da onda de dificuldades económicas, estão a redescobrir o valor de fazer sacrifícios. E fazem-no, por exemplo, para garantir a todo o custo a educação dos filhos, a ponto de aceitarem para si próprias um regime de vida mais sóbrio; além disso, não desistem de criar redes de solidariedade e, se possível, de poupança.
- Diante da impossibilidade de o Estado cumprir os seus compromissos (como a atribuição de prémios de mérito aos melhores alunos do secundário e a realização de obras em escolas), pessoas e empresas, conscientes da relevância destas iniciativas, decidiram substituir-se ao Estado no cumprimento destas obrigações, tomando como sua a responsabilidade do bem comum.
- Apesar das enormes dificuldades em obter financiamento, continuam a nascer obras de solidariedade e de cooperação; algumas das obras mais “históricas” acabam por renovar-se em vez de morrer. Crescem assim as experiências de partilha entre associações, profissionalizam-se algumas das suas actividades e exploram-se novos métodos, numa manifestação de criatividade perante as novas circunstâncias. Vêem-se todos os dias exemplos de uma solidariedade verdadeira com uma intensidade crescente, de pessoas e empresas, superando as expectativas diante de uma economia em recessão.
- Há empresas que, no meio de múltiplas dificuldades que podiam conduzir à falência, aceitaram o desafio da mudança, reestruturando-se, mantendo e aumentando postos de trabalho. Nasce, deste modo, um novo associativismo empresarial, multiplicando-se as iniciativas de valorização da marca portuguesa, de mecanismos de entreaajuda em financiamento ou práticas comerciais como resposta a tempos de crise, e crescem as iniciativas baseadas no microcrédito, que possibilita o nascimento de novas empresas e actividades.

Estes exemplos podem orientar as escolhas económicas de maneira oportuna, como instrumentos para uma mudança que vem inevitavelmente de baixo para cima. Com efeito, a primeira política é apoiar quem constrói um bem para todos e procurar em conjunto respostas práticas às dificuldades e às esperanças de um povo.